

UM TETO PARA CAROLINA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E LITERÁRIAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MULHER NEGRA

A ROOM FOR CAROLINA: HISTORICAL AND LITERARY PERSPECTIVES ON BLACK WOMEN'S EXPERIENCE

PATRÍCIA GISELIA BATISTA¹

Resumo: Este artigo resulta de uma operação metodológica no campo da História que toma a literatura como suporte teórico e dispositivo analítico para compreender representações do feminino afrodescendente na arte contemporânea. A partir de um diálogo entre História e literatura, examina-se como sistemas patriarcais e racistas, historicamente constituídos, dificultaram o acesso das mulheres — especialmente as negras — aos espaços de criação artística, intelectual e literária. O estudo mobiliza como fontes e pontos de análise as obras e trajetórias de Phillis Wheatley (1753-1784), Virginia Woolf (1882-1941), Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Alice Walker (1944), investigando os discursos normativos sobre gênero, sexo e raça e suas implicações na emergência de sujeitos do feminino afrodescendente. A literatura de Carolina Maria de Jesus, em particular, é acionada como operador interpretativo e teórico-metodológico, permitindo refletir sobre experiências vivenciais da mulher afro-brasileiras e sobre estratégias de resistência às limitações históricas. Ancorada em autoras do pensamento feminista negro e interseccional, a análise evidencia como narrativas literárias podem constituir caminhos epistemológicos para a historiografia contra colonial e para a leitura crítica das produções artísticas contemporâneas.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Literatura e História; Epistemologias negras.

Abstract: This article results from a methodological operation in the field of History that adopts literature as both a theoretical foundation and an analytical device to understand representations of Afro-descendant femininity in contemporary art. Through a dialogue between History and Literature, it examines how historically constructed patriarchal and racist systems have hindered women's — especially Black women's — access to artistic, intellectual, and literary spaces. The study draws upon the works and trajectories of Phillis Wheatley (1753–1784), Virginia Woolf (1882–1941), Carolina Maria de Jesus (1914–1977), and Alice Walker (1944), investigating normative discourses on gender, sex, and race and their implications for the emergence of Afro-descendant female subjects. The literature of Carolina Maria de Jesus, in particular, operates as an interpretive and

¹ Doutora em História Social, pelo Programa de Pós-Graduação em História - PPGHIS/UFU, com estágio no ICGC - Interdisciplinary Center for the Study of Global Change, na University of Minnesota - Twin Cities/EUA, através do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento - CAPES. É pós-doutora pelo PPGH/UNIMONTES (bolsista CAPES). É Mestra em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes (bolsista CAPES). Atualmente é professora visitante do Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPEGELS da Universidade Estadual da Bahia - UNEB.

theoretical-methodological framework, offering reflections on Black women's lived experiences and on strategies of resistance to historical constraints. Grounded in Black feminist and intersectional thought, the analysis demonstrates how literary narratives can serve as epistemological pathways for historiography and for critical readings of contemporary artistic production.

KEYWORDS: Intersectionality; Literature and History; Black Epistemologies.

A relação entre História e literatura tem se consolidado como um campo profícuo de investigação, especialmente quando se considera a potência das narrativas literárias na elaboração das experiências sociais e dos processos de subjetivação. Este artigo analisa, a partir do diálogo entre História, literatura e feminismo negro, como escritoras como Phillis Wheatley (1753-1784), Virginia Woolf (1882-1941), Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Alice Walker (1944) desafiaram barreiras impostas por sistemas patriarcais e racistas de suas épocas, produzindo reflexões sobre a condição das mulheres artistas e intelectuais.

Entre essas autoras, a obra de Carolina Maria de Jesus ocupa lugar central. Neste estudo, sua escrita transcende o papel de fonte histórica e é mobilizada como chave interpretativa para pensar as relações entre experiência vivida, produção literária e análise historiográfica. A pesquisa se ancora na noção foucaultiana de “escrita de si”, compreendida como prática por meio da qual os sujeitos organizam fragmentos de suas vivências, memórias e experiências cotidianas em exercícios de elaboração textual e produção de sentido. Conforme Michel Foucault, trata-se de “constituir a si próprio como sujeito de ação racional pela apropriação, a unificação e a subjetivação de um ‘já dito’ fragmentário e escolhido” (FOUCAULT, 2009, p. 132).

Nessa perspectiva, a escrita não é entendida apenas como representação da realidade, mas como prática de si, de subjetivação e tecnologia da própria existência: servindo a uma abordagem histórico-discursiva e comparativa para analisar como essas autoras transformaram experiências atravessadas por raça, gênero e classe em elaboração intelectual e crítica social. As reflexões que sustentam este artigo surgiram durante o levantamento bibliográfico realizado no percurso da pesquisa de doutorado em História, em diálogo com pesquisadores/as voltados/as à descolonização das referências e dos modos de produção do conhecimento.

Apoiada no pensamento de Patricia Hill Collins, parto do entendimento de que a “experiência” ocupa lugar central nas políticas feministas e, especialmente, nos feminismos negros. Em suas palavras, o feminismo negro constitui

(...) um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro-americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu, da comunidade e da sociedade, envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras por aquelas que a vivem².

Ainda segundo Collins, diferentes formas de conhecimento vêm adquirindo legitimidade sociológica a partir dos potenciais cognitivos das experiências vivenciais de pesquisadoras negras. Nesse sentido, apresento como a literatura de Carolina Maria de Jesus, para além de fonte histórica, constitui uma importante mediação interpretativa para a compreensão das experiências de mulheres negras, e para a emergência de epistemologias afro-diaspóricas tensionando modelos hegemônicos e eurocêtricos de produção intelectual.

Na busca por fundamentos teóricos que sustentassem os pressupostos desta análise, o estudo articulou a obra e a trajetória das escritoras: a inglesa, branca de classe abastada Virginia Woolf (1882-1941), a africana escravizada e naturalizada norte-americana Phillis Wheatley (1753-1784), a escritora afro-norte-americana lésbica Alice Walker (1944) e a escritora afro-brasileira que viveu na periferia Carolina Maria de Jesus (1914-1977), cujas experiências, embora situadas em contextos históricos distintos, oferecem importantes contribuições para refletir sobre as condições materiais e simbólicas que atravessam a vida de mulheres artistas e intelectuais.

Quais experiências essas autoras compartilham? E o que suas trajetórias revelam sobre a condição das mulheres artistas e intelectuais de sua época? A aproximação entre essas autoras não busca homogeneizar experiências históricas distintas, mas compreender, a partir da noção foucaultiana de ‘escrita de si’, como a produção literária opera como prática de subjetivação e elaboração crítica das condições sociais que atravessam raça, gênero e classe. Nesse sentido, como observa a historiadora Sandra Pesavento, a literatura responde a questões formuladas pela História, oferecendo sensibilidade e acesso privilegiado ao imaginário de uma época³.

Todas as autoras aqui elencadas enfrentaram uma posição social marginalizada, lidando com Representações Sociais que não lhes eram exclusivas, mas que moldaram suas oportunidades e desafios. Tornaram-se escritoras superando barreiras impostas às mulheres de seus contextos históricos, e suas experiências podem ser compreendidas de forma interseccional, considerando gênero, raça, classe, faixa etária, nacionalidade e cultura, além

²COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019, p.06.

³PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. Porto Alegre, UFRGS, 2005, p.81-82.

de construir operadores teóricos capazes de repensar categorias políticas emergentes das obras artísticas contemporâneas de performers afro-brasileiras, objeto da tese de doutorado⁴.

Entre as obras analisadas destaca-se o tema da solidão da mulher negra, não como uma condição individual ou afetiva, mas como resultado histórico das intersecções entre raça, gênero e sexualidade. Nas representações de “sexo” e “gênero” emergem concepções ligadas ao casamento, à maternidade e à sexualidade como lugares normativos de reconhecimento social. No entanto, quando a dimensão racial é incorporada, evidencia-se o modo como o racismo estrutura essas representações, produzindo narrativas de hipersexualização ou de assexualidade das mulheres negras, que atravessam suas trajetórias desde a infância até a vida adulta.

Assim, a chamada “solidão da mulher negra” não se restringe à ausência de um companheiro, mas expressa uma marca social e histórica que atravessa toda a experiência da mulher afro-brasileira. Essa solidão também aparece nas performances e representações artísticas analisadas no doutoramento. Ela evidencia como os sistemas colonial e patriarcal moldaram subjetividades e restringiram o direito das mulheres negras à existência para além do silenciamento e do espaço doméstico. Discuti-la implica questionar o próprio ideal de casamento e refletir sobre o tempo da mulher negra — tempo frequentemente absorvido pelo cuidado com filhos, maridos e outras pessoas sob sua responsabilidade — em condições de trabalho ou não, o que limita seu acesso à criação intelectual e artística.

No que diz respeito aos estudos de mulheres artistas e intelectuais, a obra *Um teto todo seu*⁵, de Virginia Woolf — no campo dos Estudos Feministas — é uma referência fundamental e quase unânime. Seu pensamento construiu arcabouços analíticos e bibliográficos que inspiram os estudos sobre a criação intelectual feminina, evidenciando a importância das condições materiais e simbólicas para que uma mulher pudesse escrever. No entanto, a leitura de Woolf, ainda que essencial, mostrava-se distante da realidade que eu buscava compreender: a de uma artista afro-brasileira, marcada por experiências de raça, classe e gênero que a autora inglesa não contemplava em sua análise. Foi então que busquei refúgio no legado das pensadoras norte-americanas, que se destacam nos movimentos negros nos Estados Unidos e foram precursoras e revolucionárias, oferecendo, como lembra Lélia

⁴A pesquisa de doutoramento analisou um conjunto de seis obras de performance arte, compreendidas como práticas artísticas nas quais o corpo do/a artista é suporte, linguagem e campo de investigação estética e política. Essas produções foram examinadas a partir de suas dimensões simbólicas, relacionais e críticas às estruturas sociais, raciais e de gênero.

⁵WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Gonzalez, referências de “avanço, autonomia, inovação e diversidade”⁶. O reconhecimento internacional dessas pesquisadoras evidencia como suas trajetórias e conquistas acadêmicas e políticas impactam o entendimento sobre as experiências de mulheres negras globalmente, tornando possível revisitar obras como a de Woolf a partir de uma óptica descolonizadora.

Neste percurso, tive acesso à obra de Alice Walker, *Em busca do jardim de nossas mães*⁷, na qual a autora utiliza a experiência das antepassadas para refletir sobre o que significava ser artista negra em diferentes gerações. Walker nos ensina uma operação analítica possível com *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, justamente ao questionar os acessos e as condições materiais e simbólicas que uma mulher negra precisou reunir para chegar a produzir uma obra de arte. Seu percurso permite identificar nuances que se assemelham à experiência das mulheres negras no Brasil, especialmente em sua relação com a produção artística e criativa. Importante notar que Walker também dialoga historicamente com Virginia Woolf, cuja obra de 1929 forneceu inspiração ideológica para pensar a autonomia e a criação intelectual feminina, mas que, a partir da lente de Walker, ganha novos contornos, incorporando raça e ancestralidade como dimensões indissociáveis da experiência feminina. De acordo com Walker,

Virgínia Woolf, em seu livro *Um quarto só para si*, escreveu que para uma mulher escrever ficção ela deve ter duas coisas, com certeza: um quarto só para si (com chave e fechadura) e dinheiro suficiente para se sustentar. (...). Virgínia Woolf continua – não falando, obviamente, de nossa Phillis **Wheatley** – que “qualquer mulher nascida com um grande dom no século XVI [insira “século XVIII”, insira “mulher negra”, insira “nascida ou feita escrava”] certamente teria ficado louca, atirado em si mesma ou terminado seus dias em uma cabana isolada de um vilarejo, metade bruxa, metade feiticeira [insira “Santa”], temida e zombada. Pois não é necessária muita habilidade ou psicologia para se ter certeza que uma menina altamente talentosa que tivesse tentado usar seu dom para a poesia teria sido tão frustrada e prejudicada por seus instintos contrários [adicione “correntes, armas, a chibata, a posse de outra pessoa sobre seu corpo, submissão a uma religião estranha”], que ela seguramente perderia sua saúde e sanidade⁸.

⁶GONZALEZ, Lélia, **A categoria político-cultural de amefricanidade**, in *Tempo Brasileiro*, nº 92/93, Rio de Janeiro, 1988, p. 74.

⁷O livro *Em busca do jardim de nossas mães* de Alice Walker reúne ensaios, contos e memórias que celebram a criatividade das mulheres negras ao longo das gerações. Walker reflete sobre os “jardins” — literais ou simbólicos — cultivados pelas avós e antepassadas, como expressão de arte e resistência. Esses jardins tornam-se metáforas da criação artística e da transmissão de saberes femininos além da narrativa principal. WALKER, Alice, **Em busca do jardim de nossas mães**, tradução de Marta Inez, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2004.

⁸*Ibidem*, p.05. grifos de Alice Walker.

Nessa passagem, Walker dialoga criticamente com o pensamento de Virginia Woolf ao refletir sobre as experiências artísticas de mulheres afro-americanas e questionar: “o que dizer de uma mulher escravizada que não possuía nem a si mesma?”. Ao inserir palavras e expressões entre parênteses, a autora evidencia que, se uma escritora branca europeia, com recursos financeiros e reconhecimento intelectual, enfrentava limitações impostas pelo gênero, as barreiras para mulheres africanas escravizadas e afrodescendentes nas Américas eram ainda mais profundas.

Ao dialogar com Walker, acrescento aos “grifos da autora” o “grifo meu” para destacar a referência à escritora Phillis Wheatley (1753-1784), cuja trajetória simboliza luta, resistência e conquistas que não devem passar despercebidas. Em 1772, Phillis Wheatley enfrentou um tribunal em Boston para provar que era autora de seus próprios poemas. Dado seu status de mulher negra e escravizada, a legitimidade de suas obras foi questionada por muitos. Durante o julgamento, ela foi defendida por homens influentes da sociedade local, entre eles o governador Thomas Hutchinson. Eles atestaram sua capacidade intelectual e confirmaram sua autoria sobre os poemas. Esse evento não só validou sua obra, mas também desafiou as concepções contemporâneas sobre a capacidade intelectual das pessoas negras⁹.

A trajetória de Phillis permite historicizar os processos de desumanização física e intelectual aos quais africanos/as escravizados/as foram submetidos/as nas Américas, revelando as experiências do feminino afrodescendente nas artes ao longo da história. Walker evidencia que, embora todas as vidas negras sejam marcadas por opressões, as condições específicas de mulheres brancas e negras escravizadas diferem radicalmente; Phillis, nesse sentido, representa uma exceção notável dentro de um contexto de extrema limitação, reforçando a sua potência criativa.

A maioria das mulheres escravizadas contemporâneas a Phillis estavam sobrecarregadas pelo trabalho forçado e por coerções diversas e violentas, sem tempo ou condições para nutrir seu espírito criativo. Isso, contudo, não impede que tentativas de produção artística tenham ocorrido em seu contexto. Conforme bell hooks, a “insubmissão mental”¹⁰ atribuída a africanos/as e afrodescendentes no continente americano tem raízes profundas na divisão sexual do trabalho e nas estruturas de opressão colonial, que limitaram sistematicamente o acesso de homens e mulheres africanos e afrodescendentes à criação e à expressão intelectual. No caso das mulheres negras, diz hooks:

⁹GATES JR., Henry Louis, **Phillis Wheatley on Trial**, *The New Yorker*, 20 jan. 2003. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2003/01/20/phillis-wheatley-on-trial>. Acesso em: 18 out. 2025.

¹⁰hooks, bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995, p. 454-478.

A socialização sexista inicial que ensina as negras e na verdade a maioria das mulheres é que o trabalho mental tem de ser sempre secundário aos afazeres domésticos, ao cuidado dos filhos ou a um monte de outras atividades servis e tornou difícil para elas fazer do trabalho intelectual uma prioridade essencial mesmo quando suas circunstâncias sociais ofereciam de fato recompensas por essa atividade¹¹.

Tanto bell hooks¹² quanto Alice Walker¹³, Lélia Gonzalez¹⁴ e Joice Bertz¹⁵ evidenciam que estereótipos corporais herdados da cultura colonial permeiam a mentalidade social e impactam profundamente a condição do feminino afrodescendente. Um equívoco recorrente nos discursos sobre trajetórias de mulheres afro-brasileiras reside na ideia de que seu papel estaria naturalmente limitado a funções de cuidado. O que frequentemente se ignora é que uma mulher negra deseja, sim, ter um “teto só seu”, um espaço próprio – uma vida livre, criativa e artística.

O pensamento de Alice Walker ampliou o olhar historiográfico sobre experiências comuns a mulheres brancas e negras, de tempos e contextos distintos, revelando como estruturas de opressão machistas e racistas moldaram trajetórias de compositoras e artistas ao longo da história. No caso de Phillis Wheatley, a documentação histórica oficial confirma que uma mulher negra foi, de fato, uma das grandes influências nas artes escritas¹⁶. Walker reforça, assim, o consenso entre diferentes vertentes do feminismo: a liberdade é condição essencial para a produção intelectual e artística feminina, como já enfatizava Virginia Woolf.

Em seu ensaio *Um teto todo seu*, Woolf afirma que “uma mulher deve ter dinheiro e um teto todo seu se ela quiser escrever ficção”¹⁷. Este ensaio tornou-se referência da literatura feminista ao propor tanto a emancipação simbólica quanto a material: um espaço físico e social necessário para o exercício intelectual em uma sociedade patriarcal. Walker amplia essa reflexão ao demonstrar que tais condições foram historicamente ainda mais restritas para mulheres africanas e afrodescendentes. As limitações impostas por raça, gênero, classe e, no caso das escravizadas, pela própria condição civil, restringiam profundamente suas possibilidades de autonomia e criação intelectual. Para a poeta Walker,

¹¹Idem.

¹²Idem.

¹³WALKER, op. cit.

¹⁴ GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira**. In: LUZ, Madel T. (Org). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982.

¹⁵ BERTH, Joice. **A radiografia fundamental das relações afetivas para mulheres negras**. Revista Subjetiva, 2017. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/a-radiografia-fundamental-das-rela%C3%A7%C3%B5es-afetivas-para-mulheres-negras-92a12e22fd99> acesso em maio de 2020.

¹⁶VARIKAS, Eléni. **A escória do mundo: figuras do pária**. São Paulo: UNESP, 2014.

¹⁷WOOLF, op. cit. p.10.

Quando imploramos por compreensão, nosso caráter foi distorcido; já pedimos que simplesmente se importassem e recebemos clamores inspiracionais vazios, e depois empurradas para o canto mais distante possível. Quando pedimos por amor, recebemos crianças. Em suma, até nossos dons mais simples, nossos trabalhos de fidelidade e amor, foram enfiados em nossas goelas. Ser uma artista e uma mulher negra, até hoje, rebaixa nosso status em muitos âmbitos, ao invés de elevá-lo: ainda assim, artistas seremos¹⁸.

Todavia, Alice Walker e diversas correntes feministas concordam com Virginia Woolf ao afirmar que a liberdade, simbolizada no conceito de “um teto só para si”, é condição imprescindível para que mulheres produtoras de conhecimento e arte possam se constituir enquanto sujeitos e exercer plenamente sua criatividade. No entanto, o panorama histórico evidencia que, tanto para Woolf e suas contemporâneas brancas – muitas vezes com recursos materiais –, quanto para mulheres negras e outras mulheres marginalizadas, foi necessário recorrer a múltiplas estratégias de resistência para conquistar o direito de produzir conhecimento e expressão artística. E sob este aspecto, Walker nos adverte:

(...) Ainda assim, gênios de alguma natureza devem ter existido entre as mulheres como existiram entre a classe trabalhadora. [Mude isto para “escravos” e “mulheres e filhas de meeiros”.] De tempos em tempos, uma Emily Brontë ou um Robert Burns [mude isto para “uma Zora Hurston ou um Richard Wright”] emerge e prova sua existência. Mas, certamente, isto nunca foi registrado em papel. Quando, entretanto, alguém lê sobre uma bruxa sendo julgada, ou uma mulher possuída por demônios [ou “Santidade”], sobre mulheres sábias vendendo ervas [nossas curandeiras], ou mesmo sobre um homem notável que tinha uma mãe, então eu penso que estamos na pista de uma escritora perdida, uma poetisa suprimida, uma muda e inglória Jane Austen... Certamente, eu ousaria a conjecturar que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem jamais cantá-los, amiúde era uma mulher...¹⁹.

Alice Walker destaca que as mulheres, negras e não negras, foram historicamente excluídas dos espaços de criação intelectual e artística. No caso das mulheres negras, essa exclusão ocorreu de forma ainda mais profunda: além da desumanização imposta pela escravidão e pelo racismo, muitas foram privadas da liberdade necessária ao exercício de práticas artísticas e intelectuais. As mulheres negras cativas, portanto, enfrentaram uma “tripla jornada”, que incluía a luta por humanização, a busca por emancipação e a conquista

¹⁸WALKER, op. cit. p.04.

¹⁹WALKER, op. cit.p. 03-05.

da liberdade. Outro aspecto fundamental ressaltado por Virginia Woolf refere-se à condição material. Para a autora, possuir renda própria constitui requisito importante para o exercício da vida intelectual e artística. Em suas palavras:

Um gênio como o de Shakespeare não nasce entre pessoas trabalhadoras, sem instrução e humildes. Não nasceu na Inglaterra entre os saxões e os bretões. Não nasce hoje nas classes operárias. Como então poderia ter nascido entre mulheres, cujo trabalho começava, de acordo com o professor Trevelyan, quase antes de largarem as bonecas, que eram forçadas a ele por seus pais e presas a ele por todo o poder da lei e dos costumes? Não obstante, alguma espécie de talento deve ter existido entre as mulheres, como deve ter existido entre as classes operárias²⁰.

Nesse contexto, as condições materiais necessárias para sustentar uma vida intelectual eram praticamente inacessíveis para mulheres escravizadas. Essas limitações também afetaram seus descendentes, especialmente mulheres negras pertencentes às classes populares e moradoras das periferias brasileiras. Ao analisar a produção artística feminina na Inglaterra das primeiras décadas do século XX, Woolf reconheceu que havia talento entre diversos grupos sociais – trabalhadores, mulheres e pessoas sem instrução –, mas que eram as condições socioculturais que os impediam de dedicar-se à criação artística e ter sua obra reconhecida. Woolf enfatiza, ainda, que uma escritora precisa de um espaço próprio, um quarto onde possa soltar a imaginação.

As reflexões de Virginia Woolf sobre independência financeira, tempo e condições materiais para a criação intelectual ganham novos contornos quando articuladas à trajetória de Carolina Maria de Jesus. A partir da perspectiva da “escrita de si”, a experiência de Carolina evidencia como raça, pobreza e precariedade habitacional restringiram o exercício da escrita e da criação artística. Sua literatura, construída em meio à fome, ao trabalho exaustivo e às violências cotidianas da favela, transforma a experiência vivida em elaboração crítica das desigualdades sociais brasileiras.

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais, onde passou a infância com sua família. Em 1937, mudou-se para São Paulo, iniciando a trajetória de lutas e conquistas que culminaram na publicação de seu primeiro livro. Sua obra, inspirada na própria existência, registrou, em cerca de cinco mil páginas manuscritas, o cotidiano de mulher negra e pobre, articulando textos de gênero híbrido: romances, poemas, peças teatrais, contos, crônicas, canções, entre outros estilos²¹. Em seus

²⁰WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p.61.

²¹CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. **Muito bem, Carolina!**: biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007, p. 108.

diários, Carolina registrou espaços de sociabilidade, aspectos da política brasileira, formas de trabalho, relações afetivas e experiências cotidianas de seu tempo.

Em 13 de fevereiro de 1977, aos sessenta e dois anos, Carolina Maria de Jesus faleceu, deixando uma obra que permaneceu por décadas silenciada pelos discursos canônicos e racistas da literatura brasileira. À época, muitos críticos não reconheciam em sua escrita “potencial lírico” ou “refinamento estético”. Frequentemente, desconsideravam justamente os elementos que tornavam sua obra singular: a coragem de abordar a fome, a consciência de classe, as desigualdades de gênero e o racismo estrutural a partir de uma perspectiva negra e periférica. Esses elementos, aliados ao fato de Carolina não ocupar o lugar social tradicionalmente associado à figura da “escritora legítima”, contribuíram para sua exclusão do cânone literário de sua geração.

Apesar desse silenciamento, algumas vozes contemporâneas reconheceram a relevância de sua obra. Rachel de Queiroz, por exemplo, escreveu no *Jornal do Brasil*²² que *Quarto de Despejo* era um documento literariamente poderoso, “difícil de ignorar”, em razão da verdade e força de seu testemunho social. Clarice Lispector também manifestou admiração por Carolina em suas crônicas, referindo-se a ela como uma mulher “extraordinária” cuja escrita revelava uma inteligência sensível e rara²³.

Esses reconhecimentos, embora importantes, não foram suficientes para romper as barreiras raciais, sociais e de gênero que impediram a inserção de Carolina no cânone literário dominante. Esse processo evidencia como os critérios de validação literária no Brasil estiveram historicamente mais alinhados às estruturas de privilégio do que à qualidade intrínseca das obras. Somente na década de 1990 seus livros começaram a ser redescobertos por meio de estudos acadêmicos, conquistando um reconhecimento póstumo que hoje é notável mundialmente. Sua obra é considerada um marco na literatura brasileira, na literatura feminina latino-americana e na literatura produzida por mulheres negras, alcançando traduções em diversos idiomas.

Parte de sua produção foi escrita entre as décadas de 1960 e 1970, em um Brasil marcado pela desigualdade social, pela segregação urbana e pela exclusão das populações negras e periféricas dos espaços de poder e criação intelectual. Passadas mais de cinco décadas, os números ainda revelam semelhanças inquietantes: segundo o IBGE (2022), 70% das pessoas em situação de pobreza no país são negras, e cerca de 40% dos domicílios em

²²QUEIROZ, Rachel de. **Carolina Maria de Jesus. Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 jul. 1960. Caderno B, p. 2.

²³LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

favelas têm mulheres como chefes de família. A permanência dessas desigualdades evidencia a atualidade das reflexões de Carolina. Sua escrita desvela as continuidades históricas das violências estruturais e das formas de marginalização que ainda atravessam a vida de mulheres negras no Brasil²⁴.

Em *Quarto de Despejo*, seu livro inaugural, Carolina Maria de Jesus transforma sua experiência cotidiana em narrativa literária, expondo o percurso árduo para conquistar o lugar de escritora, como demonstra o trecho a seguir:

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade²⁵.

Na narrativa, ela descreve as formas de racismo ainda perceptíveis nas relações socioculturais mais de sessenta anos após a publicação da obra – mecanismos que continuam dificultando o acesso de afro-brasileiros/as aos espaços artísticos e intelectuais, reforçando processos de exclusão e invisibilidade social:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo²⁶.

Em *Quarto de Despejo*, o título já remete a um espaço físico e material destinado àquilo que é tabu, algo indesejado ou relegado ao segundo plano. Trata-se de uma espécie de “senzala dos tempos modernos”: um lugar para pessoas esquecidas, amontoadas, com pouco valor social e, sobretudo, confinadas e escondidas – situação historicamente observada em espaços marcados pela marginalização social da população afro-brasileira, como favelas, presídios e cemitérios. Carolina Maria Jesus insistiu que sua literatura fosse lembrada com dignidade, como expressa no seguinte enunciado:

Não digam que fui rebotalho, que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida. Digam ao povo brasileiro que meu sonho era ser escritora, mas eu não tinha dinheiro para pagar uma editora²⁷.

²⁴IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101969.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

²⁵JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*. 8ª. ed. São Paulo: Ática, 2001, p.173.

²⁶*Ibidem*, p.63.

²⁷*Ibidem*, p.173.

Em seus relatos autobiográficos, ela rememora, por diversas vezes, que passou parte de sua vida buscando ter um “teto” (casa) para viver. Ela concretizou esse objetivo ao construir, com as próprias mãos, sua pequena moradia, na favela do Canindé. Os escritos de Carolina Maria de Jesus narram sua trajetória de luta pela sobrevivência, desde a experiência como moradora de rua até a vida na favela. Sua obra também evidencia os desafios enfrentados para se afirmar como escritora, apesar da baixa escolaridade, da pobreza, da fome e das diferentes formas de violência presentes em seu cotidiano²⁸. Registrou Carolina Maria de Jesus:

Eu notava que os pretos não sabiam ler. Nunca vi um livro nas mãos de um negro. Os negros não serviam no exército porque não eram registrados, não eram sorteados. Eles diziam: - É orgulho. Só os brancos são considerados brasileiros. Ninguém na minha família tinha registro. Não era necessário o atestado de óbito para sepultar os mortos²⁹.

Os dramas sociais vividos pela escritora estamparam a manchete que anunciava a sua morte. O jornal Folha de São Paulo, em edição de 16 de fevereiro de 1977, publicou a manchete “A Catadora de Papéis”, destacando também a precariedade das condições em que Carolina viveu. Assim diz a matéria:

(...) (Carolina) foi ao mesmo tempo protagonista e cronista de um dos mais dolorosos dramas desta cidade: o de um submundo habitado por homens e mulheres aos quais falta o mínimo a que têm direito - pela sua simples condição humana. (...) o retrato sem retoques exposto por essa escritora iletrada permanece sem maiores modificações até hoje. Ao contrário, é até mais pungente, em nossos dias, o quadro que Quarto de despejo nos apontava³⁰.

Em *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado* (1978), Abdias do Nascimento documentou críticas publicadas na imprensa sobre a situação da população negra no Brasil. Essas análises permitem perceber que, nas últimas quatro décadas, as condições de vida de muitos/as afro-brasileiros/as pouco se alteraram. Ainda hoje, em diversas esferas, falta o básico para a maioria das famílias racialmente marginalizadas. Um exemplo dessas desigualdades pode ser observado nas periferias urbanas brasileiras. Nessas áreas, habitam cidadãos historicamente interditados pelo poder socioeconômico, cultural e político, enfrentando dificuldades de acesso a serviços essenciais, como saúde, educação e moradia.

²⁸CASTRO, *Op.cit.*, p. 108.

²⁹JESUS, *Op.cit.*, p.123.

³⁰NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.84 (grifo meu).

O privilégio econômico, político, ideológico e sociocultural permanece intimamente ligado à posse da casa própria no Brasil. Dados de grupos de pesquisa e estatísticas nacionais, como a *Síntese de Indicadores Sociais* (IBGE, 2017), mostram que mais da metade da população brasileira ainda vive em condições precárias, sem acesso a água encanada, esgoto ou coleta de lixo. Essa realidade evidencia as condições enfrentadas por muitas famílias afrodescendentes, reforçando a permanência de desigualdades relacionadas à raça, gênero e classe. Nas palavras de Lélia Gonzalez:

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural no negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço³¹.

Assim como bell hooks discute os lugares socialmente atribuídos à população negra norte-americana, em suas devidas proporções, observa-se fenômeno semelhante com os afrodescendentes no Brasil. Nas palavras da arquiteta e urbanista Joice Berth: “o conservadorismo não quer que a gente (população negra) esteja na rua. A pessoa negra foi jogada nas bordas da cidade. A predominância do espaço urbano precário é composta de negro, e o miolo que é totalmente privilegiado só tem branco ” ³². É exatamente o que os escritos de Carolina evidenciam, sua consciência sobre os próprios marcadores sociais.

Em sua obra, Carolina explicita o que significava ser mulher negra em seu tempo, os espaços que ocupava e o valor social atribuído a esses lugares. Nos trechos analisados, como em diversas páginas de sua obra, evidencia-se o cotidiano de enfrentamento do racismo. Em diversas passagens, a escritora parece se orgulhar de sua trajetória como “catadora de papel”, coletando materiais descartados para vender e sustentar a si e seus filhos. Sua literatura aborda diferentes temas, destacando-se especialmente as reflexões sobre a construção de sua trajetória como escritora e sobre a vivência afetiva das mulheres negras.

Os discursos de preterimento são dominantes e hegemônicos, contribuindo para que meninas negras internalizem experiências de vulnerabilidade, influenciando processos de

³¹GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, p.115.

³²BERTZ, Joice apud GONÇALVES. **Patrícia. ‘Eu, mulher negra, não posso frequentar certos espaços’** In: Catraca Livre, 2019. Disponível em <https://catracalivre.com.br/cidadania/eu-mulher-negra-nao-posso-frequentar-certos-espacos/> acesso em maio de 2020. grifos meus.

subjetivação desde a infância. Muitas meninas só compreenderão mais tarde os motivos pelos quais não foram amadas ou incluídas nos espaços de poder simbólico e material. É importante destacar que, para algumas mulheres negras, a solidão não foi uma escolha nem um problema vivencial, mas isso não diminui o impacto da exclusão afetiva e da falta de amparo que tantas ainda enfrentam.

As reflexões de Carolina sobre a solidão afetiva permitem compreender o tema sob outra perspectiva: mesmo em posição de preterimento, a mulher negra pode escolher viver sozinha ou não se submeter a relacionamentos prejudiciais. Essa abordagem permite discutir a “solidão da mulher negra” considerando dimensões transversais frequentemente negligenciadas, como sexualidade, gênero, patriarcado, casamento, violência doméstica e amor romântico. A questão teórica central era: seria possível discutir a solidão da mulher negra sem reduzir sua experiência ao matrimônio como único horizonte de felicidade? Até que ponto abordagens tradicionais reforçam a centralidade da figura masculina na construção social da felicidade feminina?

Como observa Lélia Gonzalez³³, raça e gênero se constroem mutuamente, produzindo subjetividades e hierarquias que impactam o cotidiano das mulheres negras. É sob essa ótica que a escrita de Carolina Maria de Jesus se torna uma chave analítica potente: ao narrar a própria vida, ela evidencia que a chamada “solidão da mulher negra” ultrapassa a dimensão afetiva. Trata-se de uma experiência historicamente relacionada às desigualdades de classe, gênero e raça. Em suas páginas, a solidão aparece relacionada às violências estruturais que historicamente vinculam as mulheres ao trabalho doméstico e às tarefas do cuidado. Essas condições restringem o tempo destinado ao estudo, ao ócio e à criação, dimensões importantes para a autonomia intelectual e artística.

Essa perspectiva aproxima-se das análises de Teresa de Lauretis (1994) sobre as “tecnologias de gênero”, dispositivos que fabricam identidades e normatizam papéis sociais. Tais mecanismos reforçam a crença de que a realização feminina está no matrimônio e no cuidado dos outros, negando à mulher negra o direito de existir para si, de criar e de imaginar-se como sujeito intelectual³⁴. Ao afirmar: “Não casei e não estou descontente. Os que preferiam me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis”³⁵, Carolina rompe com a narrativa da felicidade condicionada ao casamento, reivindicando para si um gesto de insubmissão e liberdade. Sua recusa é também um ato político: o de quem,

³³GONZALEZ, Op.cit.

³⁴LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In:HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

³⁵JESUS, Op.cit., p.18.

mesmo sem um teto próprio, escreve — e ao escrever, funda um espaço de existência e pensamento.

Na sociedade brasileira, tanto no período da escritora quanto hoje, o casamento persiste como discurso patente, estruturando expectativas diferenciadas para mulheres e homens. Observa-se a escassez de representações positivas sobre mulheres solteiras que escolhem viver sozinhas. Como ressalta a historiadora Tânia Navarro Swain:

Os feminismos estão trabalhando para que as mulheres se afirmem enquanto sujeitos políticos, sujeitos de ação, de consciência e reflexão. Seres humanos que não se definam por seu corpo, por um sexo, por uma identidade fictícia que lhes assegura um lugar inferior no social, investido pelo biopoder³⁶.

A reflexão sobre a vida afetiva das mulheres negras não pode restringir-se às uniões conjugais tradicionais nem aos modelos de felicidade difundidos pela mídia. Esses discursos frequentemente reforçam padrões de consumo e controle social. É necessário compreender os mecanismos sociais que moldam afetos e subjetividades femininas, sustentando valores hierárquicos e heteronormativos. Nessa lógica, o casamento tende a reproduzir condições historicamente desiguais de gênero e sexualidade, marcadas pela precarização da saúde, pela maternidade compulsória e pela sobrecarga dos trabalhos domésticos e de cuidado³⁷.

Navarro Swain contribui para entender que o patriarcado permanece reiterado e discursivamente consagrado como “característica universal” da sociedade, especialmente quando a célula familiar troca obediência por proteção e perpetua a submissão feminina nas relações de gênero³⁸. Nos discursos cotidianos, o matrimônio ainda aparece como marco esperado na trajetória de vida das mulheres. Como ressalta Joice Berth: “(...) ou então vamos ser honestos e parar de falar sobre amor e passar a falar em contrato socioafetivo”³⁹. Para Berth, refletir sobre contratos e realidades afetivas é fundamental, especialmente diante do desamparo cultural e estrutural racista que ainda afeta as mulheres afrodescendentes.

Berth destaca a importância de preservar a autoestima e de reconhecer que há múltiplas formas de viver o amor, o feminino e a sexualidade. O casamento burguês, monogâmico e heteronormativo não pode ser compreendido como única possibilidade de realização afetiva, sobretudo para mulheres negras. É necessário questionar os ideais eurocêntricos de gênero, raça e humanidade que limitam suas experiências.

Carolina Maria de Jesus exemplifica esse posicionamento ao afirmar: “Um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E

³⁶NAVARRO-SWAIN, *Op.cit.*

³⁷*Ibidem.*

³⁸*Ibidem.*

³⁹BERTZ, *Op.cit.*

que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal”⁴⁰. Em suas palavras, a autora reconhece que o casamento poderia restringir sua liberdade intelectual, ao mesmo tempo em que registra experiências de violência doméstica observadas ao seu redor:

As mulheres que eu vejo passar vão nas igrejas buscar pães para os filhos. Que o Frei Luiz lhes dá, enquanto os esposos permanecem debaixo das cobertas. Uns porque não encontraram emprego. Outros porque estão doentes. Outros porque embriagam-se”.⁴¹

Essa perspectiva de Carolina Maria de Jesus é construída a partir das experiências e discursos de mulheres inseridas em um mesmo contexto social. Já na década de 1960, Carolina registrava as diferentes formas de opressão e violência vividas por mulheres casadas nas favelas, como fica evidenciado na seguinte passagem:

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, têm que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pedem socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebrava as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas.⁴²

A escritora destaca a importância da liberdade de escolha para que as mulheres possam, por si mesmas, decidirem sobre o que querem ser e fazer. Em sua perspectiva, a autonomia material e subjetiva também envolve a possibilidade de romper com relações violentas. De acordo com a explicação de hooks, a vulnerabilidade se estabelece frente às violências, muitas vezes, motivada pelos discursos de dominação e de controle:

Essa talvez seja a razão pela qual muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levavam os homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como que para provar seu controle e dominação⁴³.

Os dados do *Mapa da Violência*⁴⁴ evidenciam permanências nas relações marcadas por hierarquias de gênero e violência, conforme discutido por hooks e registrado por Carolina Maria de Jesus. Esses números representam um retrato da sociedade brasileira

⁴⁰JESUS, Carolina Maria de, **Quarto de despejo : diário de uma favelada**, São Paulo, Ática, 2006, p. 35.

⁴¹*Ibidem*, p. 34.

⁴²JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 196, p.14.

⁴³HOOKS, bell. **Vivendo de Amor**. São Paulo: Geledés – Instituto da Mulher Negra, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> acesso em dezembro de 2025.

⁴⁴FPA - Fundação Perseu Abramo; SESC - Serviço Social do Comércio. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**. São Paulo : FPA/SESC, 2010.

contemporânea, marcada por relações desiguais de poder entre homens e mulheres, com grande parte delas vivendo sob o risco iminente de brutalidade em sua própria casa.

Os dados mostram que, no caso das mulheres negras, a situação é ainda mais alarmante. Estima-se que, em 2023, 2.662 mulheres negras foram assassinadas no Brasil, correspondendo a 68,2% dos homicídios femininos registrados no período. A taxa de homicídio entre mulheres negras foi de 4,3 por 100 mil, enquanto entre mulheres não negras foi de 2,5 por 100 mil, indicando um risco 1,7 vezes maior para mulheres negras.

Entre 2013 e 2023, foram assassinadas 47.463 mulheres, das quais aproximadamente 30.980 eram negras, correspondendo a cerca de 67,1 % do total⁴⁵. Embora, em alguns estados, tenha havido redução nos homicídios femininos ao longo desse período, a diminuição foi menos expressiva entre mulheres negras e, em determinadas regiões, os índices voltaram a crescer. Entre 2022 e 2023, por exemplo, o número total de homicídios femininos aumentou 2,5 %, mantendo as mulheres negras como maioria entre as vítimas.

Diante dos dados alarmantes que revelam que as mulheres negras continuam sendo as principais vítimas de feminicídio — muitas vezes cometidos por familiares e companheiros — o debate sobre a chamada “solidão da mulher negra” precisa ser ampliado e problematizado. A escrita de Carolina nos fornece pistas para identificar os efeitos sutis dos enlances patriarcais e racistas que moldam as relações afetivas no Brasil. Joice Berth, a esse respeito, adverte: “Esse assunto não é unilateral. Não depende somente da nossa conscientização para se resolver. É uma pauta da questão racial, embora todo mundo que estuda e lida com a questão racial finja que não”⁴⁶. Assim, a “solidão da mulher negra” deve mudar de nome e endereço, pois se trata de uma questão histórica, política, cultural e econômica que exige o envolvimento de toda a sociedade.

Nessa perspectiva, a análise das obras permite compreender que a escrita de Carolina Maria de Jesus não se limita ao registro autobiográfico, mas opera como interpretação histórica das relações raciais, afetivas e de gênero que estruturam a experiência das mulheres negras no Brasil. A problematização proposta por Berth é inovadora e necessária, pois desloca o debate dos limites individuais e o amplia para as estruturas sociais e culturais que perpetuam desigualdades.

⁴⁵IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2025**. Brasília : IPEA, 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br> acesso outubro de 2025. CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo : Selo Negro, 2011. CARNEIRO, Sueli, apud MEURA, Camila. **A mulher negra e o feminicídio no Brasil** Geledés – Instituto da Mulher Negra, 2019.

⁴⁶BERTZ, *Op.cit.*

Refletir sobre o amor, a autoestima e o cuidado de si constitui dimensão importante dos processos de transformação coletiva, como lembra a autora: “Empoderarmos a nós mesmos e ampararmos outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual com o coletivo”⁴⁷. Sabe-se que, enquanto mulheres negras, temos vivências que se assemelham e nos atravessam devido ao racismo; no entanto, a crítica que precisamos fazer é sobre algumas formulações dos estudos sobre afetividade negra que localizam nossos corpos na direção dos mecanismos racistas engendrados na sociedade. Não devemos esquecer que, muitas vezes, esses mecanismos estão atrelados a modelos dominantes e normativos no campo da afetividade. E como contraponto, os saberes de Carolina representam o desejo de liberdade de uma mulher artista, escritora, corajosa, que almeja poder exercer sua intelectualidade e sexualidade à sua maneira.

Na atualidade, é perceptível que muitas mulheres negras estejam se convencendo, a cada dia, de que não necessitam de um relacionamento para se sentirem seguras, e de que amar alguém é menos importante do que amar quem elas vêm se tornando. Essa tomada de consciência é, também, um gesto político e histórico, um eco do que Carolina já sinalizava em *Quarto de despejo*: a recusa a submeter-se às normas afetivas e sociais que impedem a plena realização de sua humanidade.

Com isso, reafirma-se que a literatura de Carolina Maria de Jesus transcende o papel de testemunho social. Sua escrita é um ato de insurgência intelectual e estética que revela o Brasil por dentro — as fendas entre o que é dito e o que é vivido. Ao se colocar como autora e sujeito histórico, Carolina inscreve no papel o que o discurso oficial tenta apagar: a voz negra feminina que pensa, escreve e interpreta o mundo. Encerrar este estudo é, portanto, reconhecer que as contribuições de escritoras como Carolina Maria de Jesus, Alice Walker, Virginia Woolf e tantas outras mulheres que as precederam ou sucederam não se limitam à literatura, mas compõem um campo de reflexão sobre a existência. São autoras que nos ensinam que escrever é uma forma de resistência e que o ato de pensar a própria vida é um exercício de liberdade. Ao mobilizar a escrita de si como procedimento teórico-metodológico, este estudo buscou compreender a literatura como espaço de elaboração histórica das experiências de mulheres negras e como prática crítica de enfrentamento aos regimes de silenciamento.

⁴⁷BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018 p.130.

A partir delas, é possível compreender que o “teto” que buscamos — seja simbólico, afetivo ou material — é também um espaço de reexistência, onde a mulher negra, intelectual e artista, pode enfim habitar e criar, sem pedir permissão para existir. Assim, reafirma-se que a História, quando se alimenta dos estudos literários, amplia sua potência analítica ao acolher formas plurais de narrar, sentir e compreender o mundo. A literatura, sobretudo aquela escrita a partir de experiências marcadas pela racialidade, pela generificação e pelas desigualdades estruturais, desloca o centro do discurso historiográfico e oferece ao campo contracolonial ferramentas para reinscrever sujeitos silenciados pelas interseccionalidades.

Ao aproximar a crítica literária da historiografia, abre-se um espaço epistemológico no qual vidas antes apagadas podem ser pensadas, narradas e legitimadas. É nesse trânsito entre palavras, memórias e corpos que se forjam outras possibilidades de existência, permitindo que a mulher negra autora, intelectual e cidadã não apenas conte a história, mas reivindique seu lugar inegociável dentro dela.

Bases de dados:

Atlas de Violência. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em: 9 outubro de 2019.

Atlas de Violência. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: setembro de 2021.

Atlas de Violência. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em: setembro de 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <https://tinyurl.com/yx9re6wc>. Acesso em: maio de 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: maio de 2020.

IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>. Acesso em: maio de 2019.

IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101969.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

Instituto Patrícia Galvão. Violência e racismo. In: Violência contra as mulheres, 2015. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-eracismo/#assedio-sexual-e-mulheres-negras>. Acesso em: 01 maio 2020.

IPEA. Atlas 2018. Rio de Janeiro: IPEA, 2018. Disponível em. Acesso em: novembro 2018.

Referência bibliográficas:

BERTH, Joice. A radiografia fundamental das relações afetivas para mulheres negras. Revista Subjetiva, 2017. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/a-radiografia-fundamental-das-rela%C3%A7%C3%B5es-afetivas-para-mulheres-negras-92a12e22fd99>. Acesso em: maio 2020.

_____. apud GONÇALVES, Patrícia. **‘Eu, mulher negra, não posso frequentar certos espaços’.** In: Catraca Livre, 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/eu-mulher-negra-nao-posso-frequentar-certos-espacos/>. Acesso em: maio 2020.

_____. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

_____. apud AZEVEDO, Lídia Michelle. **Joice Berth fala sobre construção de afetos das mulheres negras na atualidade.** In: Notícia Preta, 2019a. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/joice-berth-fala-sobre-construcao-de-afetos-das-mulheres-negras-na-atualidade/>. Acesso em: maio 2020.

_____. **Quando ser mãe nos oprime ou O mito do amor materno revisto.** Portal Geledés, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/quando-ser-mae-nos-oprime-ou-o-mito-do-amor-materno-revisto/>. Acesso em: maio 2020.

_____. **Responsabilidade afetiva x Amor preto: as exclusões que se repetem.** Portal Geledés, 2018b. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/responsabilidade-afetiva-x-amor-preto-as-exclusoes-que-se-repete/>. Acesso em: maio 2020.

_____. **Sobre o maçante e doloroso assunto “Solidão da mulher negra”.** Portal Geledés, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-o-macante-e-doloroso-assunto-solidao-da-mulher-negra/>. Acesso em: maio 2020.

_____. apud MARTINELLI, Roberta. **Som a pino.** Eldorado FM, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D1vYKnBafv0>. Acesso em: maio 2020.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese (Doutorado em Educação – Filosofia da Educação). Universidade de São Paulo, 2005.

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. **Muito bem, Carolina!: biografia de Carolina Maria de Jesus.** Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

COLLINS, Patricia Hill. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. In: JABARDO, Mercedes (Org.). **Feminismos negros: una antología.** Madrid: Traficante de Sueños, 2012.

GATES JR., Henry Louis, **Phillis Wheatley on Trial, The New Yorker**, 20 jan. 2003. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2003/01/20/phillis-wheatley-on-trial>. Acesso em: 18 out. 2025.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** Tempo Brasileiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988b.

_____. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (Org.). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

_____. **O movimento negro na última década.** In: *Lugar de negro.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

_____. **Por um feminismo afro-latino-americano.** In: *Caderno de formação política do Círculo Palmarino*, n. 1, 1988.

_____. **Primavera para as rosas negras. Lélia Gonzalez em primeira pessoa...** São Paulo: UCPA; Diáspora Africana, 2018.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. **Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos**. Ciências Sociais Hoje. Brasília: ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1984, p. 223-244.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: _____. **O que é um autor?** Tradução de António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. 7. ed. Lisboa: Vega, 2009. p. 129-160.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, 1995, p. 7-41.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Trad. Bhuvi Libanio. 10. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

_____. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

_____. **Intelectuais negras**. Estudos Feministas, v. 3, n. 2, 1995, p. 454-478.

_____. **Feminism is for everybody: passionate politics**. Pluto Express, 2000.

_____. **Feminist theory: from margin to center**. Disponível em: <https://we.riseup.net/radfem/recusando-se-a-ser-uma-v%C3%ADtima-bell-hooks>. Acesso em: maio 2020.

_____. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

_____. **Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens**. *Estudos Feministas*, v. 16, n. 3, 2008.

_____. **Vivendo de amor**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: junho 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 6. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

_____. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1963.

_____. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

_____. **Meu estranho diário**. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy; Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador**. 2008. Tese (Doutorado). Unicamp. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280705>. Acesso em: 10 ago. 2018.

_____. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

PAULINO, Rosana. apud GOBBI, Nelson. Rosana Paulino: Arte negra não é moda, não é onda. É o Brasil. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/rosana-paulino-arte-negra-nao-moda-nao-onda-o-brasil-23626464>. Acesso em: nov. 2019.

QUEIROZ, Rachel de. Carolina Maria de Jesus. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 jul. 1960. Caderno B, p. 2.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. A pálida história das artes visuais no Brasil: onde estamos negras e negros? Revista GEARTE, v. 6, n. 2, p. 341-368, 2019.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Entre Brasil y África: Construido Conocimiento y Militancia**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

TORRES-AYALA, Daniela. Historia pública: una apuesta para pensar y repensar el quehacer histórico. **Historia y Sociedad**, n. 38, p. 229-249, 2020.

WERNECK, Jurema. **Ouçam as vozes das mulheres negras para transformar a sociedade**. *Brasil de Fato*, 28 jul. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/28/oucam-as-vozes-das-mulheres-negras-para-transformar-a-sociedade-alerta-werneck>. Acesso em: jul. 2018.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.